

ALFAGUARA

# Aurora Venturini

## As primas

Tradução de Rita Custódio e Àlex Tarradellas



---

A 4 de dezembro de 2007, o júri composto por Juan Ignacio Boido, Juan Forn, Rodrigo Fresán, Alan Pauls, Sandra Russo, Guillermo Saccomanno e Juan Sasturain atribuiu o Prémio Nueva Novela de *Página/12* y Banco Provincia à obra *Las primas*, apresentada sob o pseudónimo de Beatriz Portinari.

---

# PRÓLOGO

Estava frio ou é isso que a minha memória pouco fiável recorda. Encontrava-me a ler na cama, uma chávena de café na mesa de cabeceira, e, por todo o chão do quarto, originais encadernados do Prémio Nueva Novela de *Página/12*, para o qual trabalhei na pré-seleção em 2007. O original de *As Primas* era muito diferente dos outros. Tinha sido escrito numa máquina de escrever — já então isso era excecional — e, para os erros tipográficos, o autor usara um corretor líquido que, em certas frases, se espalhava para palavras corretas, mas não havia problema, entendia-se. O encontro com a narradora de *As Primas* foi impactante. A sintaxe radical que evitava a pontuação porque a «cansava», a brutalidade na exposição das misérias das personagens, a inusitada falta de piedade para descrever uma família. «Não éramos comuns, ou seja, não éramos normais», diz Yuna, aquela que conta a história, uma jovem com problemas cognitivos (Aurora jamais usaria um termo tão correto: diria que Yuna é *deficiente*), cuja irmã Betina, em cadeira de rodas, muda, tem uma deficiência física

e mental profunda e precisa de ser seguida, às vezes, numa instituição especial. Um *hospício*, refere Yuna, que é para onde costumam ir os casos desesperados, como o da irmã. Foi a cena do hospício que me impressionou a ponto de quase dizer em voz alta o que é isto, quem escreveu este livro, o que é que está a contar? Eis a cena em questão: «Enquanto esperava que a aula da Betina acabasse, passeava pelos corredores daquele conciliábulo de bruxas. Vi que entrou um sacerdote acompanhado pelo acólito. Alguém tinha entregado o lençol, a alma. O padre aspergia água benta e dizia se tens alma que Deus te receba no seu seio. A quê ou a quem o dizia? Aproximei-me e vi uma família importante da cidade de Adrogué. Vi um canelone em cima da mesa sobre um pano de seda. Que não era um canelone mas sim algo expelido pelo útero humano, caso contrário o padre não o batizaria. Indaguei e uma enfermeira contou-me que todos os anos o distinto casal trazia um canelone para batizar. Que o médico os aconselhou a não dar mais à luz porque aquilo não tinha remédio. E que eles disseram que por serem muito católicos não podiam deixar de procriar. Apesar da minha deficiência, qualifiquei o tema como asqueroso, mas não podia dizê-lo. Nessa noite não consegui comer de tanto nojo.»

Terminei o romance e acho que no dia seguinte liguei de imediato à Liliana Viola, que também estava a tratar da pré-seleção, e falei-lhe da minha estranheza, da minha confusão, da minha admiração. O romance era genial? Seria o risco do texto, a excentricidade, a sensação de que não se tinha publicado nada parecido, seria a voz vinda de um

lugar desconhecido? Quem podia ser o autor ou a autora? A Liliana também lera *As Primas* e encontrava-se no mesmo estado, entre o fascínio e o desconcerto. Acho que ambas soubemos que, se o júri entendesse a radicalidade desta história e deste texto, ele podia ganhar. E ganhou.

Aurora Venturini tinha oitenta e cinco anos quando venceu o Prémio Nueva Novela organizado pelo jornal *Página/12*. Na cerimónia de entrega apareceu com uma atitude *punk*, o corpo magro, o rosto insólito, com uma expressão entre a troça e a candura — além do gume maldito dos olhos pequenos, escuros, perscrutadores —, e disse: «Por fim, um júri honesto.» Tinha dezenas de livros publicados anteriormente. Era peronista, amiga de Evita, tinha estado exilada em Paris depois do golpe de 1955, e em França fora amiga de Violette Leduc e conhecera os existencialistas. Os mitos são muitos, acumulam-se, ela encarregou-se de os fazer crescer em vida: Aurora via fantasmas desde pequena; foi amiga de Victoria Ocampo e de Borges quando viveu em Buenos Aires (dezassete anos; passou o resto da vida em La Plata); era grafómana; teve aranhas como animais de estimação; quando caiu da cama e ficou internada, com todos os ossos partidos, visitou o Inferno e desde então tornara-se amiga de um padre exorcista. A verdade e a mentira não tinham a menor importância, entre outras coisas porque aí estava a certeza dos seus livros, a maior parte publicados em editoras independentes ou vencedores de prémios municipais, todos peculiares e obcecados por uma questão que excluía todas as outras: a família.

*As Primas* é uma história de família e de mulheres. É, segundo Aurora, um romance autobiográfico. «Eu não sou muito ligada à família, nunca fui, mas acabo sempre por escrever sobre a minha família, ou sobre famílias», explicava. «Os meus seres são todos monstruosos. A minha família era muito monstruosa. É o que conheço. E eu não sou muito comum. Sou um ser estranho que só quer escrever. Não sou sociável. A única vez que me reúno com alguém é no dia 24 de dezembro.» *As Primas* é o monólogo de uma idiota, mas não há muita fúria: há, pelo contrário, desassossego e, sobretudo, nojo. Os homens da família estão ausentes; os varões que aparecem são abusadores e rasgam os corpos destas mulheres vulneráveis com a indiferença de vilões menores. A história decorre nos anos quarenta. A mãe é professora «de ponteiro», um cargo de prestígio para uma mulher, mas também um dos únicos possíveis. Yuna consegue abandonar a casa, pelo menos mentalmente, porque é pintora, tem talento e a ajuda de um professor que a convence a estudar Belas-Artes e a expor a sua obra. Porém, ela está para sempre unida aos corpos sofredores das mulheres da família, à sua tia Nené, às primas Carina e Petra, à afável Rufina, à escuridão dessa casa de subúrbio onde tudo é triste e onde Betina, a irmã, se passeia fazendo runrum na sua cadeira de rodas, a babar-se. «Pintei as sombras que não pude evitar porque tenho dentro de mim tantas sombras que quando me angustiam (idem) as expulso para cima das minhas pinturas.» O «idem» indica que o aparecimento da palavra («angustiam», neste caso) é o resultado de uma pesquisa

no dicionário, porque Yuna não tem um vocabulário vasto e escreve contra a linguagem, contra as convenções da escrita, com o que lhe resta de uma oralidade precária. Com essa precariedade, a autora relata a iniciação não só de Yuna, como das outras raparigas, todas desprezadas e usadas. A primeira a sofrer abusos é Carina, uma das primas: engravida do vizinho («um vendedor de batatas») e a tia Nené decide que deve abortar. Não há muitos abortos na literatura argentina e neste descreve-se com precisão o desamparo da clandestinidade: «Veio a médica que não parecia ser médica porque era muito vulgar. Perguntou qual era a paciente e de quantos meses estava ao que a tia Nené respondeu que de três e pouco e eu compreendi que apesar de os filhos representarem mais dois braços para trabalhar e aumentarem o rendimento e embora a tia Nené não comesse todos os dias por falta de dinheiro, nem por toda a fortuna que a criança traria a perdoaria. Entre disse a médica e a Carina entrou a tremer, a tia perguntou se ela também podia e a médica disse que não e fechou a porta que as separava. Os choques metálicos dos instrumentos tornaram-se mais agudos.» O aborto de Carina não acaba bem, mas não diremos mais aqui. Apenas que Petra, a irmã de Carina, uma jovem liliputiana que trabalha como prostituta desde a adolescência, se vingará. As primas Yuna e Petra são aliadas e tentam deter a cadeia de abusos que também sofreram, mas nada é suficiente neste romance pessimista e brutal, sem heroínas claras, um romance de mulheres extremas, doentes, obcecadas, maltratadas. Aurora Venturini estava fascinada

com o humor negro, a crueldade, a monstruosidade: ela considerava-se anômala e acreditava numa literatura disforme, também lúdica, porque *As Primas* é um romance que faz rir em voz alta diante das provocações e das decisões insólitas. *Corpos no limite*, escrita aos borbotões como se fosse de sangue. Com *As Primas*, Aurora Venturini conseguiu a notoriedade que procurara toda a vida, e desfrutou dela como sabia fazê-lo: mostrando as suas cicatrizes de mulher monstra que se criou a si própria com uma lucidez trocista.

MARIANA ENRÍQUEZ

**A obra-prima de uma escritora catapultada para a fama literária mundial aos 85 anos. A história de uma família em que as mulheres procuram fugir à norma, com ecos de Lucia Berlin, Shirley Jackson e Carson McCullers.**

Na cidade argentina de La Plata, nos anos de 1940, conhecemos Yuna e Petra, duas primas que pertencem à mesma família disfuncional, precária e destinada à desgraça. Pela voz de Yuna, vemos um universo tortuoso de mulheres abandonadas à sua sorte, a braços com a pobreza, a deficiência, o delírio fantasmagórico e a pressão social. Para se evadir do cerco das histórias de ameaças, violações e homicídios, Yuna recorre à sua imaginação artística: a cada episódio de violência, pinta uma nova tela. Vendo na arte uma fuga ao estropiamento familiar, Yuna lança sobre o seu mundo um olhar selvático — ora cândido e perspicaz, ora violento e ensimesmado — e protagoniza uma história que desafia todas as convenções literárias.

Aurora Venturini poderia ser uma das peculiares personagens dos seus romances, já que o seu percurso ficou marcado pelo *fait-divers* de ter vencido um concurso literário para novos talentos quando já tinha escrito dezenas de livros e se aproximava do fim da vida. Entre o romance de formação, a delirante autobiografia, o divertimento literário e a radiografia de uma época, *As primas* é uma obra que celebra, ao mesmo tempo, as dimensões universal e privada da literatura, revelando a desconcertante originalidade de uma autora que ousa colocar perguntas quase sempre cuidadosamente mantidas em silêncio.



**«Um romance perversamente genial.»**

ENRIQUE VILA-MATAS

**«Pessimista e selvagem, sem heroínas evidentes, um romance de mulheres excessivas, enfermas, obsessivas, maltratadas. Rimo-nos em voz alta com as provocações e decisões insólitas. E, em simultâneo, vemos corpos levados ao limite, numa escrita em golfadas de sangue.»**

MARIANA ENRÍQUEZ



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

penguinlivros.pt  
 @penguinlivros  
 alfaguaraeditora

ISBN 9789897843884



9 789897 843884 >